



Editorial

Dossiê – Conferência de Puebla: 40 anos

Puebla: emocionário

Luiz Carlos Luz Marques*

Quero começar este texto, tomando a liberdade de usar, na composição de meu título, a parte essencial de outro, um belo livro para crianças intitulado “Emocionário: diga o que você sente” (PEREIRA, 2018). Ele exprime a ideia central desse meu editorial para o Dossiê, que celebra os 40 anos da Conferência de Puebla. Aos que viveram aqueles anos galvânicos, que antecederam e sucederam aquele Evento Eclesial, com maiúsculas, eu pergunto: o que você sente, ao recordá-lo? Ao recordar, na sequência da leitura dos artigos desse Dossiê, a questão fica: o que você sentiu, ao longo da preparação e da recepção dessa Assembleia, cujas palavras centrais, “Comunhão e Participação”, marcaram nossas vidas há quatro décadas?

Porque nós, dentro e fora do clero e do laicato católico, enquanto cientistas da religião, historiadores, teólogos, filósofos e/ou agentes de pastoral qualificados – bispos, presbíteros, diáconos, ministros da Eucaristia, catequistas, participantes de movimentos, simples fiéis –, somos treinados para manter sobre controle as nossas mais profundas emoções.

No “prefácio”, para “adultos”, do “Emocionário”, Rosa Collado Carrascosa chama a atenção para a “oportunidade de reconhecer as próprias emoções e falar sobre os seus sentimentos”. Exatamente, o que pretendo como resposta ao convite que me foi dirigido pela redação de Horizonte de elaborar “uma reflexão breve e livre sobre o tema: Puebla”. Quero reconhecer e falar de sentimentos e convidar a todas e todos a fazê-lo.

* Doutor em Storia Religiosa pela Università degli Studi di Bologna. Professor e Vice-coordenador do PPG em Ciências da Religião da UNICAP. E-mail: luiz.marques@unicap.br. País de origem: Brasil. E-mail: prof.luizcmarques@gmail.com

Passados esses – agora – 41 anos da Conferência, sendo obrigado a pensar sobre ela e sobre eles, dou-me conta de quão marcadas pela emoção são minhas memórias. Caminhando para os 69 anos, descobro-me capaz de associar emoções, muitas vezes conflitantes, às minhas memórias em relação à Igreja, desde as reportagens que antecederam a eleição, em 1958, de João XXIII, ao início do Concílio, à sua morte, à eleição de Paulo VI, à introdução da liturgia em português e da celebração de frente para o povo..., à Conferência de Medellín e, em torno, às memórias da repressão, do medo, da admiração pelos mártires... Para não falar das fortes e contraditórias emoções dos últimos 30 anos, especialmente os últimos meses.

Como historiador, ao longo das últimas décadas, debruçei-me sobre esses momentos, li toda a documentação, descobri as grandes tensões e movimentações por trás de cada um deles, seja os que mudaram a imagem da velha e faustosa Santa Madre Igreja, seja os que pretendem repropô-la. Agora, pretendo voltar a sentir as velhas emoções esquecidas.

No meu caso, são as recordações em torno da Conferência de Puebla aquelas marcadas pelas mais profundas emoções. Partilho, então, algumas das minhas, perguntando-me se ajudarão a outros a voltar, nesse plano, àqueles momentos mágicos e trágicos em que tantos, jovens e não tão jovens, imaginávamos um novo e vigoroso futuro para a Igreja, ativa participante, e com ela, nós, da transformação da sociedade de opressão, em sociedade de justiça e partilha.

Nascido em Curitiba, redentorista em formação, estudante de teologia no *Claretiano - Studium Theologicum*, eu participava da equipe central da Pastoral da Juventude da Arquidiocese. Nosso arcebispo, Dom Pedro Antônio Marchetti Fedalto (1926), vivo, ainda hoje, e seu auxiliar, Dom Albano Bortoletto Cavallin (1930-2017), mais tarde, arcebispo de Londrina, fizeram questão que os jovens da cidade participassem intensamente da preparação para a Conferência. Não creio que tivéssemos trabalhado diretamente usando os dois subsídios preparatórios enviados aos bispos, os chamados *Documento de Consulta* (DC), do início de 1979 e *Documento de Trabalho* (DT), de meados do mesmo ano. Mas, sem dúvida, Dom Albano, o intelectual da equipe episcopal, da qual Dom

Pedro era o coração, exigia de nós leituras significativas e reflexões claras, segundo o método “ver-julgar-agir”.

Lembro-me, portanto, de uma grande reunião, com centenas de jovens, no final do primeiro semestre de 1979, próxima à data de realização da Conferência, prevista para a semana de 12 a 18 de outubro. Estudávamos e discutíamos, à luz Exortação Apostólica de Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi*, de 1975, o que era evangelizar, qual seria o conteúdo da evangelização, quem seriam os seus destinatários e seus agentes, no contexto pastoral da arquidiocese de Curitiba e que espírito nos deveria guiar. Nosso arcebispo, um dos eleitos pelo episcopado para representar a Igreja do Brasil, não “pontificava”. Ao contrário, sentava-se entre nós, no chão, nos grupos, escutava, dialogava, anotava. Esse seu comportamento é a fonte da forte memória que marcou, para mim aquele momento de esperança.

Então Puebla, de 28 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979, e sua genial proposição: a evangelização na Igreja da América Latina em chave de “comunhão e participação” (Documento Conclusivo, Parte III), fruto da intuição de outro bispo inesquecível, Dom Luciano Mendes de Almeida, SJ (1930-2006).

No entanto, em contraste com sua atitude pastoral anterior, Dom Pedro voltou de Puebla com outro discurso. Na aula inaugural do primeiro semestre letivo de 1979, afirmou: somos nós, os bispos, os “mestres da fé”, “encarregados de vigiar pela pureza da doutrina”, “base da edificação da comunidade cristã”, segundo o Papa. Ao diálogo, impunha-se, dali em diante, a autoridade do pastor. É preciso reconhecer, não durou muito, em um bispo que era, acima de tudo, “coração”, tal disposição “autoritária”, posso afirmá-lo sem medo.

Finalmente, um último, mas não menos marcado episódio, em minha memória emocional: o discurso que Dom Hélder Pessoa Câmara, arcebispo de Olinda e Recife, pronunciou em 3 de outubro de 1980, no mesmo auditório do *Studium Theologicum*, para nós, estudantes, intitulado “O Padre na Igreja de hoje, na América Latina”. Anos depois, como membro da equipe arquidiocesana de Olinda e Recife, que preparou a documentação para a causa de beatificação

do Dom da Paz, deparei-me com o original manuscrito daquele discurso e pude lê-lo à luz de outras emoções.

O bispo, que nossa geração conhecia pouco, em função dos longos anos de silêncio que a censura da ditadura nascida do golpe civil-militar de 1964 lhe impusera, no início dos anos 70, depois do seu célebre discurso em Paris, sobre a tortura, trouxe-nos um testemunho profundo e espiritual de seu amor ao sacerdócio: “minha preferência por ser Padre”, disse, “é porque ser Padre e ser egoísta são duas realidades que não marcham juntas. O Padre não existe para si. Ele não se pertence. Ele existe para Deus e para o Próximo.” (CÂMARA, 1980, p. 2334).¹

Na sequência, faz duas perguntas-chave: “O que é ser Padre em um Continente que é imagem viva de um Mundo, que se torna sempre mais egoísta e inumano?” (CÂMARA, 1980, p. 2334-2335). E recorda a situação da América Latina e do Terceiro Mundo em geral, onde viviam 2/3 dos pobres da humanidade, então: “em um continente assim, de um Mundo assim, como deve ser o Padre e o que lhe cabe fazer?” (CÂMARA, 1980, p. 2336). Propõe, então: “o Padre, em qualquer lugar e sempre – mas, vivendo de modo especial, vivendo em áreas que vão exigir dele muita fé, muita esperança e muito amor - tem que ser um Homem de Deus, uma presença viva de Cristo e um Homem de oração.” (CÂMARA, 1980, p. 2336).

Termina com “exemplos concretos”, com que pretendia exemplificar, se o tempo lhe permitisse:

- como viver a Quaresma, a Semana Santa e a Páscoa da Ressurreição?
- como viver e fazer a Santa Missa e os Sacramentos, e a Palavra de Deus, nas pequenas Comunidades de Base?
- como deve viver e fazer viver a Não Violência Ativa, firmando-a em uma mística que se enraíze nas grandes verdades de nossa fé? (CÂMARA, 1980, p. 2336).

¹ Todo o acervo de Dom Hélder, depositado no Centro de Documentação Hélder Câmara, CeDoHC, do Instituto Dom Hélder Câmara de Recife, IDHeC, foi digitalizado e está disponível no site da Companhia Editora de Pernambuco, CEPE. Nesse caso, a primeira página desse discurso está sob o link: <http://200.238.101.22/docreader/DISCURSOS/2334>. As demais, nos 2335 e 2336.

Na época, era um discurso mais profundo e revolucionário do que nossa capacidade de entendê-lo. Não era, talvez, o que queríamos ouvir. Lido hoje, é – como tantos outros de Dom Hélder – simplesmente profético.

Concluo voltando à minha ideia original. Um volume como esse, do Dossiê sobre os 40 anos de Puebla, fruto de uma longa preparação, rico de artigos frutos da reflexão de autores de renome, pode ser lido, simplesmente, como uma leitura científica, histórica ou teológica que seja, uma leitura despida de emoções? Para os que viveram aqueles anos, recordar é viver. Para os que vieram depois, recordar é comparar. Sabendo que gerações de mulheres e homens, leigos e consagrados, acreditaram na mensagem de Puebla, como mantê-la viva na memória eclesial dos nossos dias, tão ricos em novos desafios, soluções e falta delas?

REFERÊNCIAS

PEREIRA, Cristina Núñez; VALCÁRCEL, Rafael R. **Emocionário**: diga o que você sente. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

CÂMARA, Dom Hélder. **O Padre na Igreja de hoje, na América Latina**. 3 out. 1980. Disponível em:
<http://200.238.101.22/docreader/DocReader.aspx?bib=discursos&pagfis=2334>.
Acesso em: 11 nov. 2019.